



COLETIVO DE PESQUISA ATIVISTA EM PSICANÁLISE,
EDUCAÇÃO E CULTURA - CPAPEC
CNPJ: 27.741.961/0001-03 – Rio de Janeiro/RJ

RELATO DE PARTICIPAÇÃO: conferência global sobre clima e saúde

Rio de Janeiro, 05 de agosto de 2025

Queridos companheiros de caminhada e escuta,

Escrevo para compartilhar com vocês minha participação na Conferência Global sobre Clima e Saúde, realizada em Brasília entre os dias 29 e 31 de julho de 2025. Agradeço profundamente ao Ministério da Saúde e ao Sistema Único de Saúde (SUS) pelo convite para integrar esse encontro estratégico, que reuniu representantes de governos, organismos da ONU, movimentos sociais, universidades, lideranças de territórios periféricos, indígenas, quilombolas e de todo o Sul Global.

A abertura contou com a presença do Ministro da Saúde, Alexandre Padilha, e da Ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Marina Silva, ambos reafirmando o compromisso do Brasil com a soberania nacional, com a ciência e com a saúde pública como direito inalienável da população. Destaco a defesa inquestionável que ambos fizeram do SUS como patrimônio do povo brasileiro, bem como da importância da campanha de vacinação gratuita como instrumento fundamental na contenção de epidemias e na preservação da vida. O carismático Zé Gotinha, presente no evento, foi mais do que um símbolo: foi a reafirmação de um pacto coletivo em defesa da vida, da ciência e do cuidado como responsabilidade pública e não mercantilizada.

A conferência teve como eixo central a construção do Plano de Ação de Saúde de Belém, que será apresentado na COP30, em novembro, em Belém do Pará. Mais do que um evento institucional, a conferência se configurou como uma arena de disputa de narrativas. A crise climática foi reconhecida como uma crise de saúde, mas foi preciso tensionar, intervir e reposicionar vozes para que se reconhecesse que essa crise incide de forma radicalmente desigual sobre corpos racializados, territórios vulnerabilizados e populações historicamente negligenciadas.

Nos grupos de trabalho, nas plenárias e nos espaços paralelos, especialmente os *Ideas Labs*, onde circularam saberes insurgentes, comunitários, indígenas, periféricos e populares, conseguimos fazer ecoar a urgência de uma justiça climática que não apague



COLETIVO DE PESQUISA ATIVISTA EM PSICANÁLISE,
EDUCAÇÃO E CULTURA - CPAPEC
CNPJ: 27.741.961/0001-03 – Rio de Janeiro/RJ

a justiça racial. Minha contribuição foi nesse campo: deslocar a lógica do discurso técnico e afirmar a escuta radical dos territórios como centro da política pública. Falei a partir da experiência encarnada de um corpo negro e periférico atravessado pelas violências da desigualdade ambiental, pelo racismo estrutural e por um modelo de cidade que segrega, adocece e expulsa.

Sustentei que o racismo ambiental é operador clínico e político, e que a saúde não pode ser reduzida à ausência de doença, mas compreendida como condição de existência digna. Reafirmei que nenhuma política climática será legítima se não partir dos saberes que emergem das bordas, da dor coletiva e da capacidade de reinvenção cotidiana de quem nunca teve o direito de falhar.

Em paralelo à conferência, tive a honra de visitar o Conselho de Desenvolvimento Econômico Social Sustentável (CDESS), um dos mais relevantes instrumentos de participação social no Brasil, presidido pelo Presidente da República, o Vice-Presidente, o Ministro da Secretaria de Relações Institucionais e um conjunto de cidadãos de reconhecida liderança e compromisso com o país. Fui convidado a essa visita pelo Diretor Dr. Sérgio e pela Professora Doutora Rosângela Hilário, duas pessoas negras que ocupam posições estratégicas e potentes dentro do CDESS. O gesto de escuta e acolhimento reafirma que é possível construir políticas públicas a partir da pluralidade, da equidade racial e da centralidade dos saberes periféricos.

Saio da conferência com a certeza de que a disputa pela centralidade da saúde nos debates climáticos está colocada, mas essa centralidade só será justa se for plural, racializada, enegrecida e comprometida com os territórios populares. O Plano de Ação de Belém apresenta avanços importantes, mas requer vigilância ativa e protagonismo dos movimentos sociais para que não se torne mais um documento decorativo, distante da vida concreta de quem carrega a crise climática na carne e na memória.

Minha participação foi mais do que técnica: foi política, implicada, ética e coletiva. Levei comigo a força do nosso coletivo de pesquisa, das nossas práticas de escuta e resistência, da crítica à neutralidade branca que ainda estrutura os debates em saúde e meio ambiente. Reafirmei que não há clínica possível fora do compromisso com os corpos e territórios sistematicamente deixados à margem do projeto moderno-colonial.



COLETIVO DE PESQUISA ATIVISTA EM PSICANÁLISE,
EDUCAÇÃO E CULTURA - CPAPEC
CNPJ: 27.741.961/0001-03 – Rio de Janeiro/RJ

Seguimos enegrecendo os espaços, afirmando a saúde como direito e a escuta como prática de mundo. Seguimos na luta por um SUS público, gratuito e comprometido com os que vivem em situação de maior vulnerabilidade. Seguimos pela vida, pela vacina, pela terra, pelo clima, pelos corpos.

Com afeto e luta,

Jairo Carioca de Oliveira

Coordenador do Coletivo de Pesquisa Ativista em Psicanálise, Educação e Cultura. Doutorando em Educação pela UFRRJ. Psicanalista, pesquisador e ativista afroperiférico.

